

IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO NA INFÂNCIA

Silvia Pereira Gonzaga de Moraes¹
Eliana Cláudia Graciliano²

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009. 134 p.

O livro **Imaginação e criação na infância** trata-se de um “Ensaio psicológico”, que aborda as condições e possibilidades da criação humana. A obra é escrita para professores do ensino formal e procura, no contexto das discussões, socializar preocupações do autor com relação ao trabalho pedagógico, sobretudo, quando se refere ao ensino da primeira e segunda infância.

Com apresentação e comentários da Professora Doutora em Educação Ana Luiza Smolka e de tradução de Zoia Prestes, o livro se estrutura em oito capítulos, sendo eles: **a.** Criação e Imaginação; **b.** Imaginação e Realidade; **c.** O mecanismo da imaginação criativa; **d.** A imaginação da criança e do adolescente; **e.** “Os suplícios da criação”; **f.** A criação literária na idade escolar; **g.** A criação teatral na idade escolar e **h.** O desenhar na infância.

Smolka (2009, p. 7), na sua apresentação, afirma que a questão central apresentada por Vigotski (2009) constitui-se no enfoque e na análise da “[...] imaginação como uma formação especificamente humana, intrinsecamente relacionada à atividade criadora do homem”. Tal atividade humana, nesse sentido, passa a requerer um trabalho pedagógico adequado, de forma a considerar a emoção e a arte como fundamentos da educação. Essa concepção revela a premissa das considerações de Vigotski (2009, p. 10): “o desenvolvimento não é algo linear e natural, mas sim “um trabalho de construção do homem sobre o homem.”

Diante dessa concepção de desenvolvimento psíquico, Vigotski considera que o indivíduo possui a capacidade criadora de forma consciente e orientada, graças às relações que estabelece constantemente com os instrumentos e signos, tópico debatido no **Capítulo 1**, intitulado “**Imaginação e Criação**”. Ao imaginar, combinar, reelaborar experiências, o homem cria o novo; capacidade que “faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente” (VIGOTSKI, 2009, p. 14). No **Capítulo 2**, Vigotski (2009) aborda especialmente relações entre a **imaginação e a realidade**. Para ele, existem quatro formas de relação. A primeira considera que a imaginação (fantasia) depende do acúmulo de experiência da realidade, por isso defende-se a apropriação das máximas elaborações humanas por meio da instrução formal, possibilitando, dessa forma, a construção de bases sólidas para a atividade de criação. A segunda relação se torna mais complexa; inverso da anterior, a experiência se apoia na imaginação, o que quer dizer que “é preciso uma grande reserva de experiência anterior para que desses elementos seja possível construir imagens. Se eu não tiver aridez do real de enormes espaços que habitam o deserto, não posso, é claro, criar a minha imagem daquele deserto” (VIGOTSKI, 2009, p. 24). A terceira relação se subdivide em dois modos, porém ambos de caráter emocional. O primeiro diz respeito a nossa emoção; para ele, o sentimento “colore a percepção dos objetos” (VIGOTSKI, 2009, p. 26). O segundo modo é o inverso, a imaginação é que influi nos sentimentos. Para exemplificar, Vigotski (2009) apresenta o medo quando, sob meia luz, um cabide de roupa “reflete” a imagem de um bandido. A imagem é irreal, mas a sensação de medo e susto é

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – PR. Professora do Departamento de Teoria e Prática. E-mail: silvia.moraes@uol.com.br

² Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – PR. E-mail: egraciliano@hotmail.com

verdadeira. Trata-se de uma combinação de impressões externas que fornecem bases para a reconstrução criativa. A quarta e última forma de relação entre imaginação e realidade pode ser algo novo ao sujeito. Sem remeter a vivências anteriores, objetos ou fatos. O novo, ao ser externamente encarnado no indivíduo, materializa a imaginação e passa a existir e influenciar o real vivido. O exemplo ilustrado pelo autor são os dispositivos técnicos.

No **Capítulo 3, O Mecanismo da imaginação criativa**, trata-se da importância da dissociação (que diz respeito à fragmentação do todo em partes) e da associação (que é a união dos elementos modificados) das vivências, pois “esse processo é de extrema importância em todo o desenvolvimento mental humano; ele está na base do pensamento abstrato, da formação de conceitos” (VIGOTSKI, 2009, p. 36). Em especial, essa parte do livro remete diretamente à valorização do trabalho educativo, pois as condições concretas influenciam na construção e reconstrução da atividade criativa, e cita a criação do “jogo fantástico nos números” pelos hindus, afirmando que, graças à imaginação numérica, a humanidade pode beneficiar-se e apropriar-se da herança histórica a nós deixada.

Partindo do pressuposto de que os interesses das crianças diferem dos adultos e que, conseqüentemente, a imaginação se sistematiza de forma diferenciada, Vigotski (2009), no **Capítulo 4, A imaginação da Criança e do Adolescente**, escreve sobre a ascensão das vivências, desmitificando a crença de que a criança possui imaginação mais “rica” do que a do adulto. Para ele, durante o processo de desenvolvimento humano, ocorre também o processo de desenvolvimento da imaginação, a qual tem sua maturidade na fase adulta, graças ao acúmulo de experiências internalizadas. Isso quer dizer que, ao longo do desenvolvimento, o indivíduo tende a retrair a imaginação.

A duplicidade de sentimentos que a atividade criadora proporciona ao indivíduo marca o que Vigotski (2009) intitula “**Os suplícios da criação**”, presente no **Capítulo 5**. A alegria ou o sofrimento revelam que “criar é difícil” (VIGOTSKI, 2009, p. 56). Para o autor, a imaginação tem sua “origem” no social do indivíduo e compõe o que chama de funções psíquicas superiores. Novamente, nesse capítulo, assim como no terceiro, os escritos dão extrema importância ao processo educacional, devido à

contribuição para a constituição do indivíduo durante seu processo de humanização, pois “em todo processo de educação da criança, a formação da imaginação não tem apenas um significado particular do exercício e do desenvolvimento de alguma função separada, mas um significado geral que se reflete em todo o comportamento humano” (VIGOTSKI, 2009, p. 59).

No **Capítulo 6, A criação literária na idade escolar**, Vigotski (2009), de modo geral, convida os pedagogos a refletirem sobre procedimentos didático-metodológicos promovidos nas escolas. Para ele, é inadequado analisar o desenvolvimento mental pelas produções literárias (remetem a símbolos), uma vez que a oralidade e a escrita (formas de registro, quer por desenho, quer por códigos linguísticos) não possuem desenvolvimento concomitante. A escrita envolve abstrações, enquanto a fala é desencadeada pelo convívio social. Novamente, recorre aos profissionais do ensino formal, explicando que se faz relevante criar necessidades para o ensino da escrita, assim como formas de dominá-la. Critica ferrenhamente procedimentos escolares isolados do contexto sociocultural dos escolares. Durante esse capítulo, Vigotski (2009) faz referência à teoria geral da educação de *Lev Nikolaievitch Tolstói* e refirma a necessidade de o professor assumir um papel de orientador. Defende que o melhor estímulo para a atividade criadora na infância está na organização de vida e do ambiente, devido às necessidades (reais) geradas à criança. Apresenta o que vislumbra como educação:

Educação, entendida correta e cientificamente, não significa infundir de maneira artificial, de fora, ideais, sentimentos e ânimos totalmente estranhos às crianças. A educação correta consiste em despertar na criança aquilo que existe nela, ajudar para que isso se desenvolva e orientar esse desenvolvimento para algum lado (VIGOTSKI, 2009, p. 72).

De modo geral, esse capítulo abarca questões pertinentes ao campo educacional, visto que abarca não só questões relacionadas aos procedimentos didáticos do professor, mas contempla uma vasta gama de informações, tais como: a imersão da criança na sua cultura, a idade de transição (entre a infância e a fase adulta), construção da personalidade (caráter interno),

criação oral literária e criação dramática, imitação e brincadeira. Os elementos nessa parte discutidos fornecem fundamentações para a **Criação teatral na idade escolar**, assunto do **capítulo 7**.

O foco das discussões circunda a importância da dramatização no desenvolvimento infantil. O autor explana que a brincadeira aproxima a criança da criação dramática. “A brincadeira é a escola da vida para a criança; educa-a espiritualmente e fisicamente. Seu significado é enorme para a formação do caráter e da visão de mundo do futuro homem” (VIGOTSKI, 2009, p. 100). Nesse sentido, Vigotski (2009), de forma cabal, critica quaisquer ações de reprodução teatral, pois esta constitui-se como uma forma de engessar a criação infantil. Ao contrário disso, sugere o autor que as crianças participem da prática educativa, quer do início ao final da encenação infantil (para que não haja quebra na sua estrutura psicológica), quer da elaboração do cenário (decoração). Para o autor, “o maior prêmio deve ser a satisfação que a criança sente desde a preparação do espetáculo até o processo de interpretação, e não o sucesso obtido ou o elogio advindo dos adultos” (VIGOTSKI, 2009, p. 102).

O **Capítulo 8** denominado **O desenhar na infância** propõe um diálogo aos pedagogos em

torno dos estágios do desenho infantil, característico da primeira infância. Vigotski (2009) apresenta quatro estágios, os quais a criança perpassa durante a elaboração de seus registros, sendo eles: **I-** Estágio de esquemas; **II-** Estágio do surgimento; **III-** Representação verossímil; e **IV-** Representação plástica. Após a explicação dos estágios, o autor finaliza, sinalizando a importância de cultivar a criação na idade escolar. Dessa forma, “a estrutura fundamental do trabalho pedagógico consiste em direcionar o comportamento do escolar seguindo a linha de preparação para o futuro, e o desenvolvimento e o exercício de sua imaginação são uma das principais forças no processo de realização desse objetivo” (VIGOTSKI, 2009, p. 122).

Consideramos que o livro **Imaginação e criação na infância** é uma obra de extrema relevância aos profissionais da educação, por propiciar tanto reflexões afetas às práticas educativas, quanto fundamentações teórico-metodológicas relacionadas à primeira e segunda infância. Aos que almejam uma educação humanizadora, de modo especial, tem-se às mãos uma fonte valiosa para estudos e pesquisas.